

A MOBILIDADE TERRITORIAL DO TRABALHO E A FORMAÇÃO DO TRABALHADOR PARA O CAPITAL

Diane Daniela Gemelli¹
Marcelo Dornelis Carvalhal²

A partir da última década percebemos o avanço considerável do emprego fabril no Oeste Paranaense, com destaque para as indústrias de alimentos baseadas na agroindustrialização, fundamentalmente a cadeia avícola. Nesse bojo o município de Marechal Cândido Rondon, apresentou crescimento significativo no número de trabalhadores empregados na indústria, com a instalação do frigorífico de aves da Copagril, em 2005, passando de 1.309, em 2004, para 2.255 trabalhadores em 2005, total que em 2008 chegou a 3.120 trabalhadores.

O frigorífico de aves da Copagril emprega em torno de 1.600 trabalhadores, sendo que parte considerável destes trabalhadores descolam-se de outros municípios para o trabalho, de modo que em 2010, somente 40% dos trabalhadores empregados são de Marechal Cândido Rondon, os demais deslocam-se de outros 16 municípios.

Levando em consideração que o trabalho no frigorífico é repetitivo, cansativo, extenuante, nos perguntamos quais as razões que fazem com que estes trabalhadores se mobilizem para o trabalho, e buscamos entender a mobilidade territorial do trabalho como expressão da formação do trabalho para o capital e elemento estratégico da expansão do Frigorífico da COPAGRIL em Marechal Cândido Rondon.

Para tanto faz-se necessário desvendarmos a natureza da força de trabalho, ou seja as características/qualidades daqueles que se mobilizam para o trabalho no capitalismo, sobretudo para postos de trabalho precarizados, como o caso do trabalho no frigorífico de aves da Copagril. Lembrando que a força de trabalho corresponde à mercadoria que o trabalhador possui, capaz de criar valor, e como destaca Gaudemar (1986 p.188-189) é dotada de faculdades psíquicas, físicas e intelectuais que existem no corpo de um homem, na sua personalidade viva, e que ele tem de por em movimento para produzir coisas úteis

São estes atributos e qualidades da força de trabalho empregada no frigorífico de aves da Copagril que pretendemos desvendar para compreender os efeitos da mobilidade do trabalho para a expansão capitalista no município.

A expansão do trabalho industrial no Oeste Paranaense

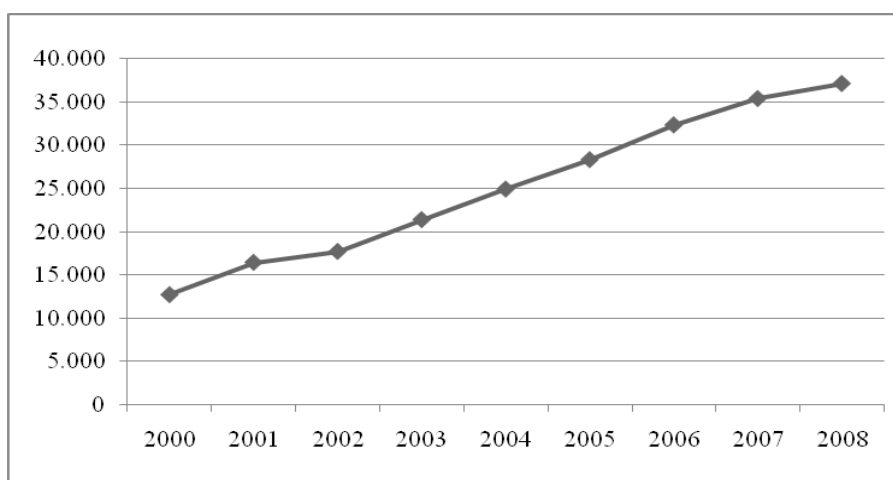
Percebemos na última década a expansão do trabalho industrial no Oeste Paranaense, associado, sobretudo a indústria alimentícia com destaque para a cadeia avícola. Assim diferente de alguns autores que no decorrer da década de 1980, apontavam a destruição do proletariado fabril devido à substituição dos trabalhadores pelo incremento tecnológico nas plantas fabris, e como consequência o trabalho perderia sua centralidade para explicar a organização da sociedade capitalista. Percebemos que no Oeste Paranaense o trabalho industrial tem crescido de maneira considerável e sob formas típicas de extração

¹ E-mail: daianegemelli@yahoo.com.br. Pesquisa financiada pela CAPES.

² E-mail: dorneliscarvalhal@gmail.com.

da mais-valia, através do incremento da produtividade, baseada no trabalho repetitivo e cansativo da linha de produção. Como destaca (ANTUNES: 2002) o capital não pode eliminar o trabalho vivo do processo de criação de valores, ele deve aumentar a utilização e a produtividade do trabalho de modo que intensifique as formas de extração da mais-valia em tempo cada vez mais reduzido. Nesse bojo, observamos o crescimento do trabalho industrial no Oeste Paranaense, conforme mostra o gráfico a seguir.

Gráfico I – Trabalho nas Indústrias de Alimentos – Oeste Paranaense (2000-2008)



Fonte: IparDES, 2010.

Percebemos o considerável incremento de trabalhadores empregados na última década nas indústrias de alimentos no Oeste Paranaense, sendo que no ano 2000, registravam-se 12.699 trabalhadores, total que em 2008 chega a 37.089, assim em oito anos o número de trabalhadores contratados nesse setor cresceu quase duas vezes em relação ao ano de 2000.

Para além do caráter diverso, heterogêneo, polissêmico, multifacetado que atinge a classe trabalhadora na atualidade conforme destaca Antunes (2003), com destaque para o crescimento do trabalho informal, part-time, terceirizado, domiciliar no setor de serviço, etc. Percebemos que o trabalho, industrial, formal, de forma precarizada e herdeiro do taylorismo-fordismo tem se expandido no Oeste Paranaense.

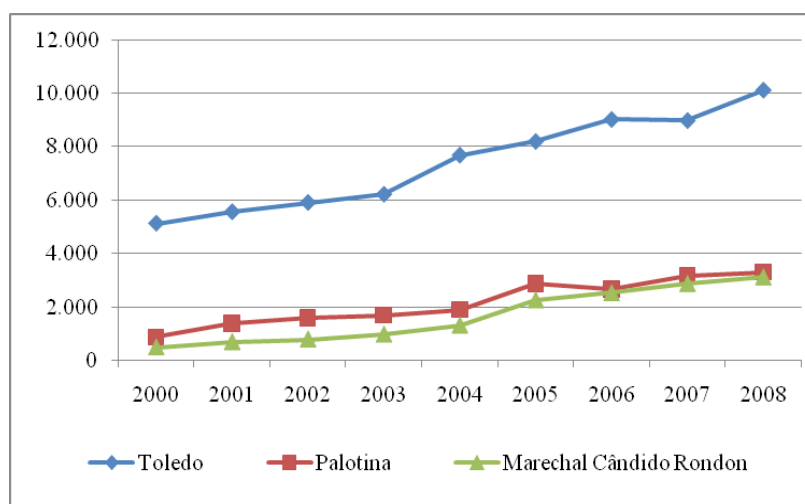
A centralidade ontológica do trabalho na sociedade capitalista implica na compreensão de que este axioma coloca-se como categoria analítica fundamental para as diversas áreas do conhecimento, e que, portanto, sua inteligibilidade para a Geografia situa-se na possibilidade de compreensão do espaço, contraditoriamente redefinindo-se em sua

universalidade, particularidade e singularidade, o que nos leva necessariamente à diferencialidade territorial. (CARVALHAL: 2000 p.14)

Tal diferencialidade territorial se expressa sob o modo de produção capitalista na relação capital-trabalho, e seus embates - seja para a expansão geográfica daquele, através da coerção e consentimento na busca da formação de territórios hegemônicos para a reprodução capitalista, ou seja, através das formas de resistência expressas na luta dos trabalhadores, dos campos e das cidades, que os tornam sujeitos em busca de outro modelo de civilização, suplantando a barbárie e a perversidade, marcas registradas do capitalismo. Destacamos também que o trabalho tem um peso importante na (re)definição da universalidade, particularidade e singularidade dos territórios, de acordo por exemplo, com as vantagens que representam para a territorialização-desterritorialização-reterritorialização das atividades econômicas.

Nesse ínterim buscamos compreender as razões que fazem com que metade dos trabalhadores das indústrias alimentícias do Oeste Paranaense encontrem-se na microrregião geográfica de Toledo, e que três municípios, Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon, sejam responsáveis por 90% do total de trabalhadores empregados neste setor, conforme mostra o gráfico a seguir.

GRÁFICO II – Trabalhadores nas indústrias de alimentos em Toledo, Palotina e Marechal Cândido Rondon – (2000-2008)



Fonte: IPARDES: 2010

Nesse sentido, chamamos atenção para o município de Marechal Cândido Rondon, onde localiza-se o Frigorífico de Aves da Copagril, e destacamos o crescimento do trabalho registrado a partir de 2005, ano em que ocorreu a implantação da referida unidade

industrial. Ressaltamos, que antes da instalação do frigorífico no município, já haviam outras indústrias em funcionamento como a Faville (biscoito), Frimesa (derivados de leite) e Agrícola Horizonte (derivados do trigo e mandioca), porém de menor porte em comparação com o frigorífico de aves.

Nesse ínterim observamos durante a realização de nossa monografia em 2008, que parte considerável dos trabalhadores empregados no frigorífico de aves da Copagril, deslocam-se diariamente de outros municípios para o trabalho, e percebemos que esse número vem crescendo nos últimos anos, como podemos verificar na tabela a seguir.

TABELA I – Trabalhadores que se deslocam diariamente para o trabalho no Frigorífico de Aves da Copagril – (2008-2010)³

Município	Nº de trabalhadores e % em relação ao total - 2008	Nº de trabalhadores e % em relação ao total - 2009	Nº de trabalhadores e % em relação ao total – 2010
Marechal Cândido Rondon	976 – 62,5	716 – 44,5	666 – 43
São José das Palmeiras	178 – 11,5	206 – 13	131 – 8,5
Santa Helena	144 – 9,3	150 – 9,3	131 – 8,5
São Pedro do Iguaçu	50 – 3,3	37 – 2,3	37 – 2,5
Guaíra	49 – 3,2	142 – 9,0	115 – 7,5
Ouro Verde do Oeste	35 – 2,2	82 – 5,2	75 – 5,0
Entre Rios do Oeste	29 – 1,8	19 – 1,1	16 – 1,0
Pato Bragado	22 – 1,4	16 – 1,0	14 – 1,0
Toledo	20 – 1,2	12 – 0,7	17 – 1,1
Mercedes	20 – 1,2	15 – 0,9	14 – 1,0
Quatro Pontes	11 – 0,7	08 – 0,4	07 – 0,5
Diamante do Oeste	-	84 – 5,3	65 – 4,2
Missal	-	-	17 – 1,1
Nova Santa Rosa	-	-	29 – 1,9
Mundo Novo - MS	26 – 1,7	73 – 4,5	66 – 4,2
Japorã -MS	-	06 – 0,3	13 – 1,0
Eldorado-MS	-	40 – 2,5	126 – 8,0
Total	1560 - 100	1606 - 100	1539 - 100

³ Destacamos que os dados são variáveis, quanto ao total de trabalhadores empregados no frigorífico, bem como quantos se deslocam diariamente para o trabalho, e de que municípios procedem, podem mudar de um mês para outro e mesmo no decorrer de um mês, devido à alta rotatividade do trabalho no frigorífico.

Fonte: Copagril.

Verificamos que tem sido representativo, nos últimos anos, o total de trabalhadores que se desloca diariamente para o trabalho no frigorífico de aves da Copagril, com destaque para os municípios de São José das Palmeiras, Santa Helena, Guaira e Eldorado/MS, que representam grande parte dos trabalhadores quem vem diariamente para o trabalho, e no caso de Eldorado/MS, por exemplo, cuja distância de Marechal Cândido Rondon é de aproximadamente 100 Km, os trabalhadores demoram 3 horas para ir e voltar do local de trabalho que somado a sua jornada diária, são cerca de 12 horas que o trabalhador está em função do trabalho.

Destacamos que o trabalho na linha de produção nos frigoríficos de aves se caracteriza pela repetitividade dos movimentos, pela agilidade no processo produtivo que leva a um intenso ritmo de trabalho devido também as elevadas metas diárias de produção, com rebatimentos na jornada de trabalho, que depende da necessidade produtiva pode ser extensa, além da pressão para que cada trabalhador atinja as metas diárias de produção, também destacamos o controle/supervisão/fiscalização, onde trabalhadores fiscalizam trabalhadores. Por fim lembramos do barulho, cheiro desagradável e as baixas temperaturas a que os trabalhadores são submetidos durante o trabalho e mesmo durante as refeições e o horário de descanso.

Diante dessas condições de trabalho, nos perguntamos, quais razões que fazem com que esses trabalhadores e tantos outros busquem emprego no frigorífico de aves da Copagril? E principalmente, porque grande parte dos trabalhadores empregados no frigorífico vem diariamente de outros municípios? Assim tentamos compreender a mobilização e a mobilidade para o trabalho enquanto condicionantes para a expansão capitalista, sobretudo no município de Marechal Cândido Rondon, questão que destacaremos no decorrer deste texto.

Trabalho e Mobilidade do Trabalho: alguns apontamentos

Destacamos que o trabalho é inerente ao ser humano, logo independente da formação social ou modo de produção existente, portanto o trabalho é ontológico. Deste modo uma condição essencial do trabalho enquanto fundante do ser humano, é a que está circunscrita na relação homem-natureza.

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria

natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX: 1984 p. 149)

A natureza é essencial para a existência de qualquer forma de sociedade, sendo a reprodução social mediada pela natureza, ou seja, o homem através do trabalho transforma a natureza para atender suas necessidades de sobrevivência. Como destaca Lessa (2007) qualquer forma de sociedade seria inviável se ela não dispusesse da natureza como fonte de meios de subsistência e meios de produção [...] o que varia historicamente é a modalidade de organização dos homens para transformar a natureza. Logo a natureza é transformada e apropriada por um processo social ancorado no trabalho, poderíamos destacar que os animais também transformam e se apropriam da natureza, e aí aparece um segundo elemento do trabalho, trata-se da teleologia, através da qual o trabalho pertence exclusivamente ao ser humano e o que distingue dos animais é a consciência, assim antes de realizar qualquer trabalho o homem idealiza o resultado do seu trabalho e a sua finalidade.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. (MARX: 1984 p.149-150)

Deste modo o trabalho é um ato teleológico por ser realizado primeiramente na consciência almejando certa finalidade que é determinada socialmente. Para que o processo de trabalho e o seu resultado sejam construídos de forma consciente, é necessário que tenha-se conhecimento suficiente para realizar a transformação da natureza, conhecimento que é exclusivamente humano, de forma que os meios de trabalho é que distinguem a transformação da natureza realizada pelos homens e pelos animais. Como ressaltou Marx (1984 p.151) no processo de trabalho a atividade do homem efetua, portanto, mediante o meio de trabalho, uma transformação do objeto de trabalho, pretendida deste o princípio.

Destacamos que no capitalismo o trabalho é resultado da apropriação da força de trabalho, se tornado estranhado para o trabalhador, isso porque no capitalismo já não é mais o trabalhador que decide o que produzir, nem a forma de produzir, sendo estranho também ao trabalhador, como no caso estudado, todo o processo que leva desde a escolha

das matrizes até o frango estar embalado no supermercado para o consumo. A finalidade do trabalho não é mais determinada pelo trabalhador assim como sua relação com a natureza também é estranha, uma vez que a transforma, por exemplo, não para atender suas necessidades de sobrevivência, mas a necessidade de acumulação do capital, condição paradoxal, uma vez que para sobreviver na sociedade capitalista existem duas condições: ser dono dos meios de produção, ou vender sua força de trabalho ao dono dos meios de produção.

Nesse sentido Marx (1984 p. 154) aponta dois fenômenos do processo de trabalho, enquanto consumo da força de trabalho pelo capitalista – primeiramente, como o trabalhador trabalha sob o controle do capitalista a quem pertence seu trabalho, logo o capitalista determina que o trabalho e os meios de produção sejam empregados conforme seus fins – em segundo lugar, o produto do trabalho também não pertence ao trabalhador, sendo propriedade do capitalista, da mesma forma que a força de trabalho, passa a ser uma mercadoria utilizada pelo capitalista, ao trabalhador cabe apenas o valor do uso pelo qual vendeu sua força de trabalho.

Deste modo o trabalho no capitalismo assume outras formas, para além de sua realização simples, ressaltando, enquanto fundante do ser social, enquanto metabolismo da relação homem-natureza e enquanto uma atividade consciente orientada pra determinada finalidade. No capitalismo o trabalho se torna complexo, permeado por múltiplas determinações que o tornam estranhado, pois tem a função de produção e valorização do capital, enquanto extração da mais-valia incorporada nas mercadorias, caso das diversas formas de trabalho proletário, ou na transformação de dinheiro em capital, resultado dos trabalhadores que não geram mais-valia.

O fato é que o trabalho no capitalismo se torna abstrato, ou seja,

Tem que deixar de incorporar prioritariamente as necessidades humanas para atender prioritariamente às necessidades da reprodução do capital. O que equivale a dizer que abre um amplíssimo campo de antagonismos entre o que somos enquanto seres humanos concretos, historicamente determinados, e as possibilidades e necessidades de desenvolvimento do sistema do capital. Com a sua crise estrutural, o capital, se torna uma força social crescentemente destrutiva – e o trabalho sob a regência do capital torna-se crescentemente alienado, desumano. (LESSA: 2007 p.197)

E, é pensando no trabalho enquanto essência do desenvolvimento e expansão capitalista que buscamos compreender a mobilidade do trabalho, a luz do marxismo, isso implica em desvendarmos a natureza da força de trabalho, as qualidades daqueles que se

mobilizam ao trabalho sob o capitalismo, e quando nos referimos à mobilização no capitalismo estamos nos referindo, sobretudo àqueles trabalhadores que se submetem a postos de trabalho precarizados, degradantes que exigem funções repetitivas, rápidas, como é o caso do trabalho na linha de produção no frigorífico de aves da Copagril. Assim os atributos da força de trabalho capazes de gerar um incremento na taxa de mais-valia, é que designam as qualidades que representam a mobilidade do trabalho. Como destaca Gaudemar (1977) é fato que a mais-valia representa a diferença, apropriada pelo capitalista, entre o valor de uso e o valor de troca da força de trabalho. Mas outro fato, ou talvez questão, refere-se à natureza desta força de trabalho que se presta tanto ao uso extensivo quanto intensivo e mais como designar tal qualidade.

Lembrando que a força de trabalho corresponde à mercadoria que o trabalhador possui, capaz de criar valor, e como destaca Gaudemar (1977) é dotada de faculdades psíquicas, físicas e intelectuais que existem no corpo de um homem, na sua personalidade viva, e que ele tem de por em movimento para produzir coisas úteis. Ainda nas palavras do autor a força de trabalho é uma mercadoria capaz de transformar o dinheiro em capital, logo representa o agente real da produção.

São estes atributos e qualidades da força de trabalho empregada no frigorífico de aves da Copagril que pretendemos desvendar para compreender os efeitos da mobilidade do trabalho para a expansão capitalista. Como destaca Rocha (1999) a mobilidade é forçada, isso porque, vista a partir do sistema de produção capitalista, é regida por uma lógica própria, onde capital e trabalho se articulam, dando a forma de uma mobilidade da força de trabalho, determinada pela luta de classes e pela exploração capitalista do trabalho. Nessa conjuntura o indivíduo é visto como uma mercadoria a serviço do capital, e o seu deslocamento – espacial e/ou funcional – é determinado pelas leis gerais da acumulação capitalista.

Deste modo, a mobilidade do trabalho é um reflexo que o capital exerce sobre a força de trabalho, de acordo com seus anseios e necessidades produtivas e expansivas. A mobilidade do trabalho representa o controle do capital sobre a força de trabalho. Como aponta Gaudemar (1977) com a mobilidade do trabalho manifesta-se sempre o modo como os homens submetem o seu comportamento às exigências do crescimento capitalista. Toda estratégia capitalista de mobilidade é igualmente estratégia de mobilidade forçada.

Esse é o foco central deste trabalho, como/porque os trabalhadores se submetem ao trabalho no frigorífico de aves da Copagril, e porque muitos além de se submeterem a tais condições de trabalho se deslocam diariamente de outros municípios, crescendo deste

modo, em alguns casos, mais de duas horas na jornada de trabalho. Ao mesmo tempo nos interessa entender as estratégias do próprio frigorífico no intuito de mobilizar essa força de trabalho.

Nesse sentido Gaudemar (1977), ressalta que os fenômenos da mobilidade do trabalho estão relacionados à reestruturação industrial, a organização do território, a imigração estrangeira, a mobilidade profissional e a formação escolar. Enquanto os objetivos visados pelo governo e pelo patronato são: mobilizar a mão-de-obra, dinamizá-la, saber reconvertê-la.

É preciso que de acordo com as necessidades do capital, se mobilize a força de trabalho com vistas a atingir os objetivos do momento, mas também é necessário que esta força de trabalho tenha capacidade de se reconverter e mobilizar-se em outro sentido quando novos objetivos e interesses acumulativos colocarem-se em cena. Como complementa Gaudemar (1977) a política é encorajar e desenvolver a mobilidade, dominando-a.

Tornando-se a mobilidade explicitamente um instrumento de adaptação da mão-de-obra, as deslocações espaciais não são aqui os únicos em causa mas, juntamente com eles, todos os modos de passagem da mão-de-obra disponível para as esferas de valorização do capital e todos os modos de intensificação e produtivização desta mão-de-obra. (GAUDEMAR: 1977 p.21)

Sob esse prisma Gaudemar (1977) aponta quatro formas de mobilidade:

- a) o encorajamento dos movimentos migratórios que facilitam as polarizações espaciais ótimas para o desenvolvimento capitalista.
- b) o encorajamento do desenvolvimento das camadas mais móveis e o controle da imigração estrangeira.
- c) o desenvolvimento da formação profissional.
- d) a intensificação, a produtivização de todo o trabalho, tanto industrial como terciário.

As formas de mobilidade presentes na expansão do frigorífico de aves da Copagril com vistas ao controle da força de trabalho, estão relacionadas a forma a), c) e d). No que concerne aos movimentos migratórios, podemos ressaltar deste os movimentos de deslocamento diário dos trabalhadores, de seus municípios de moradia até Marechal Cândido Rondon, e mesmo aqueles trabalhadores que migraram para Marechal Cândido Rondon, em busca de trabalho, não somente no frigorífico mas também nas outras indústrias do município como: FAVILLE, FRIMESA, Agrícola Horizonte. Porém não há

como precisar o número destes trabalhadores migrantes, apenas sabemos os dados dos trabalhadores que se deslocam diariamente.

Outra forma de mobilidade presente é a relacionada ao desenvolvimento da formação profissional, e como já colocamos anteriormente entendemos a formação profissional, num sentido amplo, englobando a formação do trabalhador para o trabalho para além das habilidades técnicas incorporando a própria subjetividade do trabalhador enquanto uma característica da força de trabalho.

Por fim, destacamos a mobilidade relacionada à intensificação do trabalho, com vistas à maior produtividade. Essa forma de mobilidade se tornou visível durante a realização de trabalho de campo em 2008, quando estávamos realizando nossa monografia e novamente no ano seguinte quando tivemos oportunidade de conversar com os trabalhadores no frigorífico de aves da Copagril, desta forma ficou evidente, a agilidade que o trabalhador deve ter durante o processo produtivo com vistas a maior produtividade. Isso se torna mais claro quando são colocados supervisores ou fiscais de produção, com o objetivo de verificar o bom andamento da linha de produção.

Ainda a respeito das características da força de trabalho, destacamos que a mobilização para o trabalho, só é possível porque no capitalismo o trabalhador é livre, como apontou Marx, o trabalhador dispõe apenas de sua força de trabalho enquanto mercadoria e não tendo outra mercadoria para vender, sendo livre de tudo, através da venda de sua força de trabalho o dinheiro se transforma em capital. Vale-se destacar que o trabalhador é livre para o capital, assim sua liberdade é condicionada aos interesses do processo de produção capitalista, de modo que no durante o processo produtivo, por exemplo, o trabalhador não tem liberdade alguma, e reiteremos que em alguns casos a não liberdade do trabalho não está condicionada apenas ao momento em que o trabalhador está desenvolvendo suas funções produtivas, de modo que os anseios do capital podem ditar as regras dentro e fora do ambiente do trabalho. Situação esta, enfatizada por grande parte dos trabalhadores do frigorífico de aves da Copagril, com quem tivemos oportunidade de conversar, que relatam que ao chegarem em casa, após a jornada de trabalho, devem se preparar para o trabalho no dia seguinte, assim a liberdade do trabalhador fica condicionada as necessidades de sua função produtiva, ou seja, ao processo de produção do capital. Nesse sentido Gaudemar (1977 p.189-190) destaca a dupla determinação da liberdade do trabalho sendo:

Liberdade positiva: a força de trabalho é uma mercadoria que pertence, como bem particular, ao trabalhador, que pode dela dispor a sua vontade; o trabalhador é então considerado como ator da sua própria liberdade. Liberdade negativa; o trabalhador não tem diante de si outra hipótese que não seja vender ou não a sua força de trabalho; não tem mais nada para vender, e na prática, ou vende a sua força de trabalho para viver, ou não a vende e morre. A liberdade de trabalho encontra-se totalmente definida nesta dupla determinação: o trabalhador dispõe livremente da sua força de trabalho, mas tem absoluta necessidade de a vender.

Assim se estabelece a mobilidade forçada do trabalho, haja vista, que não resta outra alternativa ao trabalhador, ou se submete aos interesses do capital, se mobilizando para o trabalho, ou fica a sorte da sobrevivência na sociedade capitalista. Como aponta Gaudemar (1977) a mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como a condição de exercício da sua liberdade de se deixar sujeitar ao capital de se tornar mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital.

Como a sujeição ao capital é uma característica essencial da mobilidade do trabalho, a força de trabalho deve ser móvel, ou seja, que consiga se adaptar as necessidades, mudanças e redefinições de acordo com os anseios do metabolismo do capital. Gaudemar (1977) aponta que a qualidade de móvel da força de trabalho, deve ocorrer seja no aspecto positivo ou negativo da liberdade da força de trabalho, sendo que no aspecto positivo, o trabalhador escolhe seu trabalho e o local onde exercê-lo, enquanto no aspecto negativo, a força de trabalho, está submetida às exigências do capital e ao seu poder de despedir um trabalhador ou de transformar as condições em que ele o exerce. Assim em ambos os casos se a força de trabalho é móvel, isso significa que é apta as deslocamentos e modificações do seu emprego.

Como ressalta Rocha (1999) a mobilidade da força de trabalho é assim introduzida, em primeiro lugar, como a condição de exercício da sua liberdade de se deixar sujeitar ao capital de se tornar mercadoria cujo consumo criará o valor e assim produzirá o capital.

Assim a força de trabalho enquanto mercadoria vai sendo apropriada/controlada pelo capital, de forma que desta relação se consiga a valorização do capital. Assim destaca Gomes (2009) o capital só pode ser compreendido como uma relação social em que a força de trabalho, como mercadoria, tem que ser produzida e controlada pelo capital com objetivos de exploração, assim como outra mercadoria qualquer.

É e, neste processo de produção e controle da força de trabalho que o trabalhador vai se mobilizando para o capital, oferecendo as qualidades que dispor para a acumulação e expansão capitalista. E como a força de trabalho é uma mercadoria, e nas leis do mercado, as qualidades da mercadoria é que ditam sua aceitação, assim a força de trabalho que se

mostrar melhor mobilizada para o trabalho e conseqüentemente para o capital é a que terá mais utilidade no processo de valorização do capital, podendo inclusive ser um elemento importante no processo de expansão geográfica do capital, uma vez que o capital tende a buscar territórios de vantajosos de acumulação, e a mobilidade da força de trabalho pode representar consideráveis taxas de lucro.

Mas nem todas as movimentações/deslocamentos de força de trabalho são valorativas para o capital, Gaudemar (1977) destaca que só interessam ao capital aquelas que asseguram a sua valorização, que correspondam a uma intensificação ou a uma produtividade acrescidas, do trabalho, que se dirijam para os espaços da polarização capitalista próprios para os absorver.

Uma das determinações da mobilidade de trabalho é a relação entre o trabalho pago e o trabalho não-pago, que consiste no processo de constituição da mais-valia. Assim só interessa ao capital as movimentações da força de trabalho que possibilitem um incremento na taxa de mais-valia, de modo que, por exemplo, somente é interessante que um trabalhador realize determinado curso de qualificação profissional, que isso representar maior apropriação pelo capital de sua força de trabalho, ou a contratação de um trabalhador que more no município x, em detrimento de um trabalhador que more no município y, ocorrerá quando a mobilização daquele trabalhador representar maiores vantagens à exploração do capital.

Deste modo, como destacou Marx (1984), a mobilidade da força de trabalho é uma característica do trabalhador submetido ao capital, e é isso que condiciona o exercício da força de trabalho como mercadoria, diferenciando, com isso, o trabalhador livre do escravo, haja vista que a capacidade de trabalho deste é estável se empregando de maneira tradicional e local, sem possibilidade alguma de mudança.

Assim se a condição para a existência do capitalismo é a exploração da força de trabalho, que se reverte na taxa de mais-valia, tal exploração ocorre quando o trabalhador adquire mobilidade. Como aponta Gaudemar (1977) a mobilidade da força de trabalho surge então como uma condição necessária, senão suficiente, da gênese do capitalismo e como um índice de desenvolvimento. Complementando Gaudemar (1977) lembra, a mobilidade da força de trabalho conduz assim imediatamente as condições de existência do capitalismo, que são a produção das forças de trabalho, a sua utilização no processo de produção, a sua circulação entre as diferentes esferas de atividade

Assim a mobilidade da força de trabalho está relacionada à sua produção, utilização e circulação, que representam de acordo com Gaudemar (1977).

A produção da força de trabalho representa o momento da aquisição da liberdade da força de trabalho, por exemplo, quando o trabalhador deixa de ser submetido a outros modos de produção, que pode ser o que Marx denomina de acumulação primitiva, a emancipação do servo e sua mobilidade para trabalhador livre.

A utilização da força de trabalho é o momento da submissão da mobilidade do trabalhador as exigências do capital, devendo submeter-se as formas, variações e transformações da organização do processo de trabalho. Assim a mobilidade ocorre quando o trabalhador se adapta a tais exigências e mudanças.

Por fim a circulação da força de trabalho é quando ocorre a submissão da mobilidade do trabalhador de acordo com as exigências do mercado, se processa, por exemplo, quando a mercê do capital e de suas crises, o trabalhador consegue se deslocar a outra esfera produtiva, sendo o trabalhador sensível a toda variação da sua força de trabalho e da sua atividade.

Assim a constante mobilidade da totalidade que trabalha reflete seja, material ou subjetivamente, na plasticidade expressa no estranhamento do trabalho.

La versatilidad y movilidad geográfica de la fuerza de trabajo, así como la “indiferencia” de los trabajadores al contenido de su trabajo son esenciales para la “fluidez del capital”.[...]Cuanto más movilidad tenga el trabajador, más fácilmente podrá adoptar el capital nuevos procesos de trabajo y aprovechar las situaciones superiores. La libre movilidad geográfica de la fuerza de trabajo parece ser una condición necesaria para la acumulación del capital. (HARVEY: 1990 p. 384)

A mobilidade do trabalho pode representar tanto ganhos geográficos, no que tange a fluidez do capital sob o território, desde modo o capital pode escolher territórios em que a força de trabalho se encontre melhor mobilizada, além dos ganhos que poderá obter-se quanto a reorganização do espaço produtivo, no caso, a indústria, por exemplo, quando os trabalhadores forem mobilizados funcionalmente.

Como ressalta Carvalho (2009) como desdobramento desta “lógica locacional” os trabalhadores são convocados a se adaptarem, seja através dos deslocamentos individuais na busca dos empregos, seja quanto aos próprios impactos dessa reorganização territorial para as organizações coletivas dos trabalhadores.

Essas constantes mudanças e adaptações do trabalhador seja uma nova função laborativa, ou a um novo espaço de labor expressam a plasticidade do trabalho.

As idas e vindas, remanejamentos e mudanças de habilitações laborativas, conseqüentemente, de profissões, categorias sindicais, de espaços de

sociabilidade, de mudanças no perfil identitário, na subjetividade, nos territórios do trabalho, enfim, essa plasticidade constantemente refeita, tem influenciado diretamente a materialização das diferentes expressões do trabalho, no tempo e no espaço. (THOMAZ JUNIOR: 2009 p.205)

Para tanto precisamos, entender o trabalho e seus múltiplos significados e significações para além da fábrica, isso porque quando o trabalhador cumpre sua jornada de trabalho ele continua sendo trabalhador, e as estratégias para essa manutenção são fundamentais para quando no outro dia retornar ao local de trabalho. Como ressalta Thomaz Junior (2002), o mundo do trabalho não se restringe mais à fábrica, tampouco a fábrica é o mundo do trabalho; o trabalho tem seu sentido ampliado, revelando-se polissêmico.

Compreender as tramas e processos implícitos as relações de trabalho são tão fundamentais, quanto compreender o trabalho no chão de fábrica, até porque os espaços da produção e o da reprodução estão interligados, de modo que um depende do outro, logo se evidencia o trabalho abstrato e sua expressão territorial explícita diariamente no deslocamento/mobilização dos trabalhadores.

Educação para o trabalho, formação do trabalhador para o capital: em busca do entendimento

Destacamos que o trabalho, nas indústrias alimentícias do Oeste do Paraná, e principalmente no frigorífico de aves da Copagrill, em Marechal Cândido Rondon, é repetitivo, rotinizado, extenuante – com características fortes do taylorismo mescladas por formas de organização e controle do trabalho do toyotismo.

Já destacamos que a necessidade de qualificação profissional é mínima quando se trata da força de trabalho empregada no frigorífico. Porém, entendemos a formação do trabalhador para além das habilidades técnicas, pensando nas características psíquicas, subjetivas, colocadas em movimento para a aceitação de tais condições de trabalho, assim tentamos pensar na educação para o trabalho e/ou na formação do trabalhador para o capital.

Como destaca Alves (2006) a educação é a base da reprodução social. Utilizando o termo educação para além da educação escolar, técnica ou profissional. Educação é todo o sistema de internalização, com todas as suas dimensões visíveis e ocultas. Deste modo, educação é o próprio sentido da reprodução social.

Deste modo, pensamos a educação enquanto um elemento importantíssimo para a reprodução social, e quando falamos em reprodução social no capitalismo, nos referimos a continuidade desse modo de produção que engloba todas as esferas da reprodução social a seus imperativos. E, como o capitalismo tem como forma essencial para sua expansão e reprodução, a extração da mais-valia, a educação para o trabalho se torna um elemento crucial no que tange a disponibilização de trabalhadores para o capital e aceitação de formas precárias de realização do trabalho

Santos (2006) destaca, que o capital passou a interessar-se pela educação do trabalhador apenas tardiamente, na medida em que sai da manufatura para a grande indústria. Uma das primeiras manifestações da educação enquanto um elemento importante para o capital, deu-se na Inglaterra através da incorporação da educação básica para os filhos da classe trabalhadora, com o objetivo de produzir trabalhadores multifuncionais, portadores de um saber múltiplo, controlado e subordinado pela própria lógica de acumulação.

A escola significa, talvez, a institucionalização e legitimação da educação da classe trabalhadora no sentido da reprodução social, mas a educação para o trabalho não pode ficar somente incumbida à escola, é preciso que seja mais abrangente

O capital precisa de estruturas mais amplas para estabelecer sua dominação a nível da totalidade social e da própria subjetividade do trabalhador e do exército industrial de reserva. [...] educar ou socializar o trabalhador é tarefa que transcende o espaço escolar[...] Para garantir o máximo de eficácia o capital precisa socializar o trabalhador em todos os níveis da vida cotidiana de modo a poder moldar a subjetividade a imagem perseguida pelos mecanismos da acumulação. (SANTOS: 2006 p. 216)

A formação da força de trabalho para as necessidades de acumulação capitalista, deve ser constante, e se mostrar presente no espaço fabril, por exemplo, como percebemos no frigorífico de aves da Copagril sob vários aspectos, um deles se refere a captura da subjetividade operária.

Em conversa com alguns trabalhadores da Copagril percebemos que o capital tem conseguido manter seu controle sob a totalidade social, primeiramente destacamos que os trabalhadores são convidados a se aliar ao capital, dessa forma, os que se mostram mais produtivos e tem mais espírito de liderança são promovidos a cargos de controle do capital, de supervisão da produção e do trabalho. Isso se torna formidável para a trama do capital, à medida que provoca a fragmentação e o estranhamento da classe trabalhadora, quando “um

dos seus passa a ser mais um do capital”. Provocando o estranhamento deste, agora, “aliado do capital”, uma vez que não se reconhece enquanto trabalhador que precisa vender sua força de trabalho, para aquele que agora defende.

A captura da subjetividade operária, se torna assim um elemento importantíssimo para o capital manter vivo suas estratégias de dominação, que pudemos perceber em entrevista com alguns dos trabalhadores, quando indagamos, qual seria a razão da elevada rotatividade de trabalhadores no frigorífico, as repostas se dividiram entre: a) o fato do trabalho ser muito extenuante e, b) porque tem gente que quer trabalho mole, que não quer trabalhar mesmo.

A segunda resposta, nos leva a pensar que o capital tem conseguido formar em parcela importante dos trabalhadores as bases para a reprodução da barbárie, tendo esses trabalhadores como aliados, fato que contribui novamente para o estabelecimento de uma des(identidade) da classe trabalhadora.

Conforme ressalta Alves (2007 p.210) ao tratarmos da subjetividade e da sua captura nos referimos a consciência e a inconsciência do psiquismo humano. As técnicas de manipulação utilizadas pelos aparelhos midiáticos do sistema do capital tendem a atingir o conteúdo oculto ou disperso do inconsciente, buscando influenciar o comportamento humano.

Deste modo quando os trabalhadores são chamados de colaboradores, nesse ato revela-se uma estratégia de envolvimento operário que transcende a consciência, uma vez que os trabalhadores não se vem mais como pertencentes a relação capital-trabalho, alias essa relação expressa no conflito deixa de existir, logo atingiu o inconsciente do trabalhador. Obviamente isso não é tão simples, de modo que precisa ser reafirmado constantemente e isso é visível no frigorífico de aves da Copagril, através de algumas atitudes implícitas e explícitas no que tange o envolvimento operário.

Um exemplo do envolvimento operário, via valorização e formação do trabalhador, podemos perceber, em uma palestra intitulada “Mulher Show”, realizada na área de lazer do frigorífico de aves da Copagril, no dia 10 de março de 2010, tratava-se de uma das atividades realizadas em homenagem ao dia da mulher e que tive a oportunidade de assistir.

Durante vários momentos da palestra, a palestrante enfatizou a importância de se valorizar o que se tem, a família, a casa e claro o trabalho, sem atrair o negativo, sem chamar atenção para a desgraça. Assim ela destacou, por exemplo, que os trabalhadores não devem reclamar quando de madrugada o despertador tocar para irem ao trabalho,

devem pensar que estão indo para o trabalho e não procurar emprego. E mais, devem valorizar o trabalho e buscar novas oportunidades, dentro da própria empresa. Agradecer a oportunidade que nós temos e que sejamos melhor a cada dia. No final da palestra foram sorteados vasos de flor e cestas com produtos de beleza para as mulheres trabalhadoras.

Assim um dia que deveria ser de luta, pelas próprias condições de trabalho no frigorífico, se tornou um dia de festa e mais de afirmação da exploração do trabalho, e de sua realização, condição esta aceita pelas próprias trabalhadoras, quando, por exemplo, a palestrante perguntou que nota você daria para sua vida e a grande maioria das presentes falou em voz alta -10 -, e na expressão de felicidade das trabalhadoras que foram sorteadas e receberam um dos prêmios.

Outro exemplo que podemos destacar é quando ao programa de alfabetização de funcionários que está sendo implantado no frigorífico, haja vista que muitos dos trabalhadores são analfabetos. Através desta medida o capital tenta mais uma vez “trazer os trabalhadores para o seu lado”.

Ainda destacamos outras estratégias, como os prêmios para quem não falta ao trabalho – dois frangos e biscoitos. Os prêmios por assiduidade, quando é feito o sorteio de prêmios como geladeira, fogão, liquidificador para quem não falta ou não tem atestado médico por três meses, além de bônus de produção de até R\$ 65,00 para os trabalhadores que mostrarem maior eficiência produtiva.

Como enfatiza Santos (2006) na medida em que o capital é orientado pelas necessidades do mercado, o processo de formação educacional da força de trabalho, deve estar articulado ao princípio mais geral das necessidades da própria acumulação, o que implica criar e incorporar no campo da subjetividade do trabalhador, a aceitação do mundo burguês como desejável e única possibilidade.

Trata-se mais uma vez da naturalização das relações sociais, assim não tem o que ser feito é preciso aceitar as condições colocadas – por exemplo vender a força de trabalho é a única alternativa possível. E essa naturalização pode ser percebida em conversa com os trabalhadores, quando perguntamos das dificuldades do trabalho no frigorífico e muitos nos destacaram – “fazer o que é preciso trabalhar, não tem o que fazer”.

A formação da classe trabalhadora no sentido da educação para o trabalho, revela os contornos do trabalho abstrato, que aliena, estranha, fragmenta e complexifica a classe trabalhadora, assim o metabolismo do trabalho sofre um (re)arranjo, uma mutação do trabalho concreto enquanto ontologia, formador de coisas socialmente úteis como a própria

reprodução social, para um trabalho imposto aos imperativos do capital. Sobre o trabalho concreto Thomaz Junior nos aponta;

ontologicamente *prisioneiro* da sociedade, o trabalho, em todas as suas dimensões é, pois, a base fundante do autodesenvolvimento da vida material e espiritual, sendo que circunscrito à sua forma concreta garantiria a realização de uma vida cheia de sentidos, emancipada para o ser social que trabalha. (THOMAZ JUNIOR: 2002)

A luz da emancipação do ser social nos indagamos, a respeito da vida material e espiritual do trabalhador da Copagril, dos reflexos do trabalho para além da linha de produção, e até que ponto essa vida material e espiritual está a serviço da reprodução do capital, e, portanto, longe da libertação do trabalhador ao modelo de civilização apresentado, essa é a questão central desta pesquisa, observar como a formação do trabalhador está articulada a expansão do capital em Marechal Cândido Rondon.

Notas finais...algumas questões!

Essas são algumas reflexões que estamos realizando na nossa dissertação de mestrado. E trata-se de um desafio pensar o trabalho na Geografia, haja vista ser uma discussão recente, e com poucas referências, assim nos valem de contribuições da sociologia, história, para pensar o trabalho no âmbito da geografia, do território, das localizações das atividades produtivas, das diferenças territoriais, das desigualdades próprias da reprodução social que se refletem no ordenamento territorial.

A questão que propomos estudar no momento, refere-se a expansão do trabalho fabril em Marechal Cândido Rondon, sobretudo com a instalação do frigorífico de aves da Copagril, em 2005, que passou a empregar cerca de 1600 trabalhadores diretamente envolvidos com a produção. Um fato que tem nos despertado atenção desde 2008, é a grande quantidade de trabalhadores que se deslocam diariamente para o trabalho no frigorífico, e que vem de municípios que distam até 100 Km de Marechal Cândido Rondon. Atualmente quase 60% dos trabalhadores do frigorífico são de municípios, como São José das Palmeiras, Santa Helena, Guaíra – PR, e Eldorado -MS⁴.

Como destacamos, parte considerável das funções produtivas realizadas no frigorífico ocorrem de forma precária, devido à repetitividade e agilidade/rapidez seja na

⁴ Para citar apenas os municípios que mais enviam trabalhadores para o frigorífico, como pode ser observado na tabela apresentada nesse trabalho.

pendura, corte ou empacotamento do frango. Assim nos perguntamos por que tantos trabalhadores aceitam/procuram o trabalho no frigorífico? O que torna esses trabalhadores disponíveis para tais formas de trabalho?

Assim por meio da mobilidade expressa na natureza da força de trabalho através das qualidades daqueles que se mobilizam para o trabalho buscamos entender as estratégias da formação do trabalhador para o capital, que fazem com que um contingente considerável de trabalhadores aceite e se submeta a tais condições de trabalho, estratégias que são essenciais para a reprodução social.

Contudo o que apresentamos não são conclusões mas dúvidas, questões, que pensamos para desvendar a complexidade da relação capital-trabalho em Marechal Cândido Rondon, no âmbito da ciência geográfica. De modo que nossa questão central é – qual a importância da formação/educação para o trabalho no que tange a expansão capitalista? Como a formação/educação para o trabalho se expressa na mobilidade territorial do trabalho e do capital? O que torna esses trabalhadores disponíveis/mobilizados para o capital?

Referências Bibliográficas

ALVES, Giovanni. **Crise Estrutural do capital, Trabalho Imaterial e Modelo de Competência – notas dialética.** In. Trabalho e Educação: contradições do capitalismo global/Giovanni Alves [et al...] (orgs).1. ed. – Maringá, PR: Praxis, 2006.

ALVES, Giovanni. **Dimensões da Reestruturação Produtiva: ensaios da sociologia do trabalho.** 2ª edição – Londrina: Praxis; Bauro: Canal 6, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre a metamorfose e a centralidade do trabalho.** 8ª Ed. Campinas, SP: UNICAMP: 2002.

ANTUNES, Ricardo. **O Caráter Polissêmico e Multifacetado e Mundo do Trabalho.** In. Revista Trabalho, Educação e Saúde. Vol.1 número 2, setembro de 2003.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. **A comunicação sindical em Presidente Prudente/SP: elementos para uma leitura geográfica.** (dissertação de mestrado). Presidente Prudente: UNESP, 2000.

CARVALHAL, Marcelo Dornelis. **A expansão do trabalho fabril na região Oeste do Paraná: a (re) centralidade do trabalho e o desenvolvimento desigual capitalista.** In. Anais do VIII Encontro Nacional da Anpege. Curitiba, 2009.

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do Trabalho e Acumulação do Capital.** Editora Estampa, 1977.

GOMES, Guedes Fábio. **Mobilidade Do Trabalho E Controle Social: trabalho e organizações na era neoliberal.** In. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 17, n. 32, fevereiro de 2009.

HARVEY, David. **Los Límites del capitalismo y La teoria marxista.** Oxford; San Lorenzo/México, 1990.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e Proletariado no capitalismo contemporâneo.** São Paulo: Cortez, 2007.

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo/SP: Abril, 1984.

ROCHA, Marcio Mendes. **Mobilidade forçada – a economia política dos deslocamentos humanos.** In. **Revista Acta Scientiarum.** Maringá/PR, 1999.

SANTOS, Ariovaldo. **Antigos e Novos Campos da Ideologia do Capital na Educação do Trabalhador.** In. Trabalho e Educação: contradições do capitalismo global/Giovanni Alves [et al...] (orgs).1. ed. – Maringá, PR: Praxis, 2006.

THOMAZ Jr. Antonio. **O mundo do trabalho e as transformações territoriais: os limites da ‘leitura geográfica’.** **Revista Pegada.** Presidente Prudente-SP, v. 3, 20 p., out. 2002. Disponível em: <http://www2.prudente.unesp.br/ceget/pegada/>.

THOMAZ Jr. Antonio. **Dinâmica Geográfica do Trabalho no Século XXI: (Limites Explicativos, Autocrítica e Desafios Teóricos) / Antonio Thomaz Júnior.** – São Paulo: [s.n], 2009.